

A ESFERA

Havia uma floresta com árvores frondosas e ervas cheias de viço. Era habitada por muitos pássaros que logo pela manhã gozavam os primeiros raios de sol, que furavam a vegetação e desenhavam raças de luz, revelando os matizes do chão. Era também povoada por alguns bichos da terra, que a esta hora madrugadora iniciavam a sua lide de recolectores, “empançando” os alimentos que a floresta lhes servia.

Foi a protecção de um pinheiro frondoso que um solitário escaravelho escolheu para viver. Era jovem e tinha o dorso protegido por duas fortes e luzidias asas que fechadas lhe davam segurança e um aspecto blindado. Fortes eram também as suas seis patas, que lhe permitia rebolar às cambalhotas e até fazer o pino, para ver o mundo de outras formas.

Num belo dia, um tentilhão enfartado, que pousara num dos ramos da árvore, deixou cair uma pequena esfera que o atingiu numa das suas asas, antes de se imobilizar ali bem perto. O escaravelho ficou muito curioso com aquela misteriosa caixinha redonda. Era muito luzidia, da cor das asas. Ficou imóvel muito tempo, espantado, de olhos muito abertos, a olhar, a observar intrigado, à espera de um sinal, um movimento, um som... Mas nada. O escaravelho estava fascinado com a cor e a forma daquele objecto esférico. E ele, como todos os escaravelhos, que amava tanto as esferas... Por fim, já impaciente, ganhou coragem, e de um salto, com as suas fortes patas traseiras, deu-lhe um coice. Que bem rolava aquela esfera... Era perfeita e fechada de todos os lados. Sempre às arrecuas, começou a empurrá-la, primeiro devagar e depois freneticamente, desenhando círculos concêntricos ao redor da árvore, por entre as agulhas do pinheiro. Com estas voltas todas, o escaravelho nem deu pelo tempo a passar. No final da tarde, quando já estava meio zozno, reparou com surpresa, que a esfera tinha crescido. Os excrementos dos pássaros e dos bichos do bosque, tinham-se colado à sua superfície, e a bola atingia já o tamanho de uma ervilha. O escaravelho ficou muito orgulhoso do seu trabalho, e resolveu descansar, bem juntinho da sua esfera, não fosse um bafo de vento mais afoito empurrá-la para longe.

O pior foram os pássaros, e os bichos do chão do bosque, que vendo o seu trabalho, o fitavam estupefactos com olhar de censura. O escaravelho sentia-o, mas pouco se importava, de tão orgulhoso que estava com a sua obra. Bem podiam chilrear, grasnar, guinchar, roncar, que nada poderia estragar a sua felicidade. Depois da surpresa inicial, todos os animais resolveram procurar abrigo para a noite que caía a pique. O pobre escaravelho é que não conseguiu pregar olho nessa noite. Nunca mais via a luz do dia nascer para continuar a sua labuta. Logo que os primeiros raios de sol romperam a vegetação, ainda lusco-fusco, depois de contemplar a sua obra com os seus olhitos de boga, retomou a sua freima, num rodopio frenético em redor da árvore. Foi um dia de trabalho intenso, depois outro e outros se seguiram, sempre sob o olhar reprovador e cruel dos pássaros e dos bichos da floresta.

talvez o movimento,
a adição,
a árvore ou a carne
nos ultrapasse a nós, tal
como o ovo, o grão levante,
o devir da consciência
recurvado no ventre:
esta é a terra
para olhar em frente.

talvez o movimento,
a adição,
a árvore ou a carne
nos ultrapasse a nós, tal
como o ovo, o grão levante,
o devir da consciência
recurvado no ventre:
esta é a terra
para olhar em frente.

COMPRIMIDO II



Óscar Possacos (1962) é natural de Sendim da Ribeira, Alfândega da Fé. Por ora vive em Paredes. Com formação inicial em arquitetura exerce a atividade de professor de educação visual. E é poeta. Publicou “*Lugar Quebrado*” em 1982 e “*Húmida Viagem*” em 1984, tendo esta última obra poética sido distinguida com o Prémio Nacional Juvenil Ferreira de Castro. Recentemente deu à estampa “*Cantaria*” onde revela que estamos onde somos. Ao Correio do Porto confidenciou que às vezes consegue ler nas gretas da cara de alguns Homens, a orografia da terra que amanhã, mimetismos das cidades que habitam.

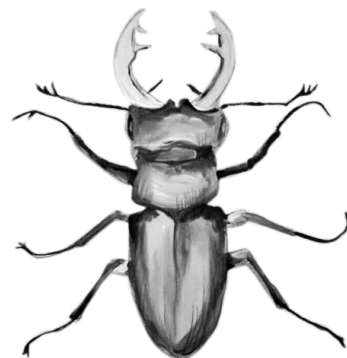
COMPRIMIDO I

Dezembro de 2014

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]

Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

Quando se sentia zozno, de tanto rodopio, cavalgava o seu mundo, aproveitando para descansar e contemplar a floresta do alto da esfera que já tinha o tamanho de uma maçã. O tamanho de uma maçã podre, é certo, feita dos tons castanhos da terra.

Foi durante uma destas pausas revigorantes, no alto do seu mundo que aconteceu uma coisa estranha. Vin- dos do centro da esfera, o escarvalho começou a ouvir pequenos estalidos. A princípio assustou-se e pensou que o seu mundo estivesse a desintegrar-se. Mas não. À medida que os dias iam passando, o crepitar da esfera tornava- se mais intenso, e o escarvalho ocupava agora o seu tempo de ouvidos colados à superfície da esfera a escutar, cada vez mais intrigado. Umaz vezes parecia o rombar de batuques, outras um truz, truz, truz de quem bate à porta por dentro, outras ainda o crepitar vivo de uma fogueira.

O pior veio depois:

Os pássaros e os bichos do chão do bosque, estavam cada vez mais nervosos com o seu comportamento, e num fim de tarde reuniram-se em assembleia.

- Chega, tudo tem limites, e o escarvalho tinha passado os limites da decência.

Um velho mocho sonolento e solitário abriu a sessão e, do alto da sua sabedoria vaticinou:

- ... que se o escarvalho ouve vozes dentro da esfera, é a prova provada que enlouqueceu.

Uma toupeira assomou o seu focinho sumido, vinda dos túneis que escavara na terra e declarou assertiva:

- O sol, foi o sol, o sol é o culpado. Apanhou muito sol na cabeça, por isso tem estes comportamentos esquisitos. Devia fazer uma cura de escuridão.

Quem não esteve com rodeios foi um casal de galinholas. Depois de ter provocado um alvoroço próprio de galináceos em capoeira, de asa na anca, chamou todos os nomes ao pobre escarvalho e à sua obra: vira-bosta, bola de esterco, e outros mimos que eu, cronista desta história, cori de vergonha e não me atrevo a contar aqui.

Uma lebre, que costumava fazer a cama junto à árvore, tentou arrefecer os ânimos:

-... que não - dizia a lebre - o campo está muito mais limpo e asseado sem excrementos, mas a bola - continuou - é um foco de mau cheiro e mau para a saúde pública do bosque.

Os pássaros pousados nos ramos sobranceiros da árvore acompanhavam divertidos o espectáculo e a cada intervenção esvoaçavam sonoramente, soltando gargalhadas estridentes. Lá no alto, um bando de estorninhos sal- picava a árvore de pontos negros e fazia uma algazarra ensurdecedora. Ao escarvalho valeu-lhe o sol, que de repente se afundou num monte próximo, e pássaros e animais - ala que se faz tarde - todos recolheram aos seus abrigos.

Quem dormiu em maus lençóis foi o escarvalho. Não dormiu, a bem dizer, chorou por dentro na escuridão do bosque. Bem gostaria de ter vertido algumas lágrimas se pudesse chorar, mas os escarvalhos não choram. Teve que engolir em seco toda a vergonha que tinha passado.

A manhã seguinte acordou cedo, como de costume, no bosque. O sol espraçou os seus raios oblíquos, distri- buindo as raças de luz entre a vegetação. Seria uma manhã costumeira, como todas as outras, se um feixe de luz não revelasse algo de extraordinário. Tão extraordinário como um milagre verdadeiro. O escarve- lho estava imóvel. Um raio de luz furava a vegetação naquele lugar exacto e ricocheteava na coroa da sua cabeça franjada e formava um verdadeiro clarão sobre a esfera. Sobre esta bola de luz, mesmo no zénite, como diriam os geógrafos, nascia uma flor. Linda, linda, linda de mil cores.

Os pássaros e bichos do bosque, ainda estremunhados e meio estonteados, foram-se aproximando, carre- gando consigo a vergonha da noite. Inebriados por esta aparição de presépio verdadeiro, partiram calados, mas transformados no coração. Via-se bem, na flor dos olhos do fundo da sua cabeça.